

“BNEI ANUSSIM”: NO BAIRRO DE SÃO MATEUS, UMA EXPERIÊNCIA DE
JUDAÍSMO NA PERIFERIA PAULISTANA

Carlos Andrade Rivas Gutierrez*

RESUMO: O trabalho busca estudar a inserção de um novo agente no campo judaico, suas relações dentro do campo e também com a metrópole. Um ex-pastor da Assembléia de Deus passa a se identificar como *bnei anussim* e cria a sinagoga Beith Israel, no bairro de São Mateus, periferia de São Paulo. Lá, praticam o judaísmo ortodoxo, conforme seus próprios esquemas de percepção. Mas, ao buscar o reconhecimento da comunidade judaica de São Paulo, são impedidos de retornar à religião.

Palavras-chave: Marranismo urbano; judaísmo; novas identidades; periferia; religiosidade popular

ABSTRACT: This study researches a new agent at the judaic field and his relations inside the field and with the city. An ex-priest from Assemblies of God starts to identify himself as a *bnei anussim* and creates the synagogue Beith Israel, at Sao Mateus neighbourhood, a poor area in Sao Paulo. There, they practice Orthodox Judaism, according to their own way of perception. When they seek recognition of the jewish established community, they are forbidden to return to the Judaic religion.

Key-words: Urban marranism; Judaism, new identities, suburb; popular religiosity

* Mestrando do PPGAS - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP -
Universidade de São Paulo
cgutierrez@usp.br

Em 1993, na capital paulista, de acordo com seus relatos, o pastor da Assembléia de Deus, Marcos Moreira da Silva, começou a se questionar a respeito de algumas tradições de sua família, de origem nordestina. Não compreendia por que havia sido circuncidado[†] no oitavo dia após seu nascimento, ou mantinha hábitos como, por exemplo, acender velas na sexta-feira. Após buscar informações sobre o assunto, principalmente nos trabalhos da historiadora Anita Novinsky (1983) e do jornalista Hélio Cordeiro (1997), passou a identificar-se como descendente de judeus sefaradi[‡].

Após ter contato com essa bibliografia, principalmente pela internet, a fim de esclarecer as dúvidas existentes em relação ao significado dos costumes de sua família, o pastor Marcos Moreira teve certeza de que ele e outros que possuíam determinada ascendência familiar do Nordeste do país eram *bnei anussim*[§], descendentes de judeus portugueses que foram forçados a se converter ao cristianismo e rumaram ao Brasil.

Dessa maneira, começou a reavaliar sua própria fé, aprofundando-se na leitura da Torá (Antigo Testamento) e do Talmud Babilônico, também conhecido como “Torá Oral” - transcrição dos relatos orais de diversos sábios judaicos. Decidiu abandonar a Assembléia de Deus por considerá-la uma blasfêmia e formou uma sinagoga no bairro de São Mateus, na periferia paulistana, atraindo outros fiéis que se identificam como judeus, a maior parte deles também oriunda de igrejas protestantes. A partir daí, o ex-pastor adotou o nome de rav^{**} Mordechai Moré.

O grupo liderado pelo ex-pastor decidiu seguir o judaísmo ortodoxo, já que, na visão nativa, seria a maneira correta de obedecer aos mandamentos divinos que eles, como judeus, deveriam seguir. Procuraram então rabinos ortodoxos em São Paulo em busca da teshuvá^{††}, mas eles rechaçaram a

[†] Procedimento que consiste na retirada do prepúcio (pele que recobre a glande) do pênis.

[‡] Os judeus se dividem em três grupos étnico-religiosos: ashkenazitas (oriundos da Europa Central) e sefarditas (originários da Península Ibérica) e os Mizrachim ou orientais (da região do Norte da África e Oriente Médio). Há distinções nas tradições religiosas dos grupos, além de lutas pela hegemonia da interpretação “correta” da Torá. O presente trabalho não tratará de todas essas questões, mas irá abordá-las de modo hierarquizado ao problema que este projeto desenha.

[§] Em hebraico: filho dos forçados

^{**} Do hebraico: mestre, professor.

^{††} Em hebraico: retorno ao Criador.

hipótese, pois, segundo o Beit Din (grupo dos rabinos mais influentes e importantes), aquelas pessoas não tinham como comprovar que tinham ascendência matrilinear judaica, pois não possuíam um certificado de casamento judaico ou qualquer outro documento que atestasse isso. Dessa maneira, negaram o retorno e propuseram a conversão^{‡‡}.

Porém, Mordechai e seus fiéis recusaram-se a aceitar a proposta, pois ela implicaria, segundo eles, a negação de sua própria identidade judaica. Assumir a condição de goym^{§§}, dentro de seus esquemas de percepção, era encarado como uma ofensa.

Mesmo sem a aprovação das autoridades rabínicas, o grupo começou a praticar o judaísmo em seu próprio templo, dedicando-se a ensinar aos *anussim* os costumes, ritos religiosos e tradições sefardi, ou seja, introduzindo-os na religiosidade judaica. O local do templo não foi escolhido apenas pela falta de condições financeiras do grupo. A região é considerada pelos nativos como tendo uma alta concentração de “judeus em potencial”^{***}, e o bairro de São Mateus, em especial, com mais de 150 mil habitantes, é um dos principais redutos nordestinos da cidade.

Os *anussim* de São Mateus não pretendiam apenas ter um espaço onde pudessem praticar a religião e manter uma rede de sociabilidade; o grande objetivo ainda não havia sido atendido: a aceitação pela comunidade judaica, socialmente considerada como oficial – é importante ressaltar que a questão da oficialidade não é algo natural, mas sim uma imposição da visão de mundo dos agentes sociais dominantes no campo judaico – e do Estado de Israel.

^{‡‡} Em ambos, o indivíduo é circuncidado, no caso dos homens, e passa por uma micvê – pequena piscina de água para purificação espiritual - (no caso das mulheres, há apenas a passagem pela micvê). A diferença está na bênção proferida em ambos os rituais. Ela é diferente tanto para o converso quanto para o judeu que está retornando à religião, pois se considera que o convertido está recebendo uma neshamá (alma) judaica, enquanto que o judeu que retorna já a possui; ele somente passa por um processo de purificação, que limpa o pecado de idolatria, cometido enquanto este se encontrava em outra fé. O judaísmo não é uma religião proselitista, ou seja, não tenta buscar novos adeptos. A conversão nem sempre é fácil, pois o contato com os rabinos é, geralmente, dificultado. Além disso, há um preço, cerca de R\$ 2.5000 nas sinagogas liberais. Já as ortodoxas não cobram, mas o processo deve ser finalizado em Israel, o que implica em gastos com viagem, estadia, alimentação, etc.

^{§§} Termo em hebraico para designar outros povos não-judeus.

^{***} Segundo Novinsky, um em cada três portugueses que vieram ao Brasil teria origem judaica e a maior parte ficou concentrada na região Nordeste.

Dessa forma, Mordechai e seus fiéis fundaram a Fisba – Federação Israelita Sefaradi *Bnei Anussim*, instituição que tem como objetivo organizar os descendentes de cristãos-novos em todo o país e representar seus interesses, ou seja, garantir a própria existência social do grupo, e lutar pelo seu reconhecimento junto a órgãos religiosos de Israel. A Fisba já conta com cerca de 300 grupos de descendentes de cristãos-novos no Brasil, em 20 estados, totalizando 1.500 membros.

A sinagoga Beith Israel tem a intenção de formar uma comunidade judaica no bairro de São Mateus, revelando para a população seu passado judaico e trazendo os *anussim*, segundo a crença nativa, de volta à sua verdadeira religião. Para tanto, usam desde comunidades no site de relacionamentos Orkut para divulgar e incentivar o retorno ao judaísmo, como a oferta de cursos de cultura judaica na região.

Assim, muitos que buscavam o judaísmo e não eram aceitos pela comunidade, aproximaram-se da Beith Israel. Em consequência disso, a Fisba começou a ser atacada por grupos judaicos diversos, principalmente ortodoxos, que a acusavam de praticar charlatanismo e proselitismo. Por sua vez, Mordechai acusa a comunidade judaica tradicional de descumprir o mandamento que obriga a aceitar o retorno de um judeu desligado há muito tempo da religião, além de denunciar o preconceito pelo fato de ele e a maior parte dos *anussim* serem negros, pobres e de origem nordestina. Essas manifestações introduzem mudanças não apenas no âmbito da periferia paulistana, como também na dinâmica mais geral do campo judaico, na medida em que se configura um espaço de conflito.

Sendo assim, o objeto construído para análise é um novo movimento religioso que se autopercebe como judaico e suas implicações para a metrópole e para o campo religioso previamente estabelecido. Por mais que o fato de um grupo autoentitular-se judeu e construir uma sinagoga na periferia seja inusitado, “a invenção (do objeto) nunca se reduz a uma simples leitura do real, por mais desconcertante que seja, já que pressupõe sempre a ruptura com o mesmo e com as configurações que ele propõe para a percepção (...) a

apreensão de um fato inesperado pressupõe, pelo menos, a decisão de prestar uma atenção metódica ao inesperado” (BOURDIEU, 2004, p. 24-25).

Há também um problema secundário neste estudo, mas que está inter-relacionado ao primeiro, qual seja, a questão da luta pela identidade judaica. Ao entrar no campo religioso, esse movimento, extremamente burocratizado e racionalizado, no sentido weberiano, contesta a legitimidade dos rabinos e instituições judaicas que possuem o monopólio simbólico de definir quem é judeu, e também a exclusividade na produção, reprodução e distribuição de bens simbólicos judaicos.

Segundo Bourdieu, toda prática ou crença dominada está fadada a aparecer como profanadora, na medida em que, por sua própria existência e na ausência de qualquer intenção de profanação, constitui uma contestação objetiva do monopólio da gestão do sagrado e, portanto, da legitimidade dos detentores deste monopólio. (BOURDIEU, 2005).

A não aceitação por parte das instituições judaicas organizadas e estabelecidas, leva o grupo de São Mateus a fundar a própria sinagoga. Essa iniciativa é muito comum no protestantismo, com a saída de membros de uma instituição para formar uma nova seita, o que salienta a importância de estudar o *habitus* protestante que, por mais que seja renegado, ainda permanece e orienta as práticas e esquemas de percepção deste novo movimento religioso.

O grupo de São Mateus rapidamente organizou seus quadros e até mesmo processos de formação sacerdotal, a fim de formar uma Federação pronta para angariar novos adeptos e também suprir a demanda dos que buscam a prática do judaísmo, mas que não conseguiam ser aceitos nas sinagogas “tradicionais”.

A partir das questões colocadas, torna-se necessário analisar as relações sociais e simbólicas dessa nova religiosidade judaica com características protestantes na periferia de São Paulo, e tentar compreender por que esse fenômeno se iniciou e se concentra justamente na periferia paulistana. De acordo com Weber (2004), condições sociais de existência marcadas por urgência econômica impedem qualquer distanciamento da carência material do tempo presente, em prol do desenvolvimento de uma competência erudita em

termos de religião (característica mais encontrada nas chamadas religiões universais), o que explica, segundo o autor, a presença das práticas mágicas nas classes sociais mais desfavorecidas. Então, como o judaísmo torna-se atraente justamente em uma região da cidade com baixos índices de desenvolvimento humano e com anseios e necessidades completamente imediatistas?

A utilização da teologia judaica de maneira particular, visando atender as demandas dos membros da sinagoga de São Mateus, pode ser observada na produção simbólica baseada na Cabalá^{†††} (popularmente conhecida como o lado místico do judaísmo) como, por exemplo, na venda de pulseiras protetoras ou na profusão de palestras que ensinam a calcular o melhor dia para procurar emprego. Além disso, ela é utilizada para resolver os problemas trazidos por seus adeptos como, por exemplo, desemprego, doenças, etc. Para Weber (2004), essas ações poderiam ser consideradas como um retorno a uma “prática mágica” que se caracteriza pela concretização de objetivos mundanos de maneira imediata.

Por ter sido pastor durante muito tempo, Mordechai domina relativamente bem o hebraico e tem bom conhecimento sobre a Torá (Antigo Testamento) e o Talmud, principalmente, após estudar ambos os textos com rabinos que auxiliam o movimento. Tudo isso confere ao ex-pastor um considerável capital religioso, que permite a ele ter acesso a uma certa cosmologia judaica e, a partir dela, produzir mensagens e bens de salvação que atendam as demandas dos leigos que frequentam sua sinagoga. Por conta de sua experiência protestante, seu *habitus* dispõe de mecanismos extremamente eficientes na produção de discursos que desmobilizam os fiéis de outras denominações, que acabam por aceitar o judaísmo como única e verdadeira religião, além de garantir a Mordechai o monopólio dos bens de salvação e o direito de representar o grupo em discussões com a comunidade judaica.

^{†††} Apesar de sua crescente popularização, por meio de livros de auto-ajuda e de cursos livres, a tradição da Cabalá é pouco praticada nas sinagogas. Para os rabinos ortodoxos, trata-se de um segredo reservado somente aos homens que têm muito conhecimento da Torá e do Talmud. Já os rabinos de sinagogas liberais começam a acompanhar a tendência popular e já promovem a prática dentro de suas instituições.

O fato de Mordechai ter sido pastor é muito usado pelos judeus das comunidades estabelecidas para acusá-lo de charlatão e crente, mas seu capital religioso ajudou-o a transformar esse problema em mérito, pois, segundo ele, “se quisesse dinheiro seria muito fácil continuar a ser um pastor, pois vivia muito bem”. Para retornar ao judaísmo, teve que abrir mão de todos os bens materiais, de seus altos ganhos e largar uma vida confortável em troca de uma vida difícil na periferia. Esse discurso também agrada aos nativos, pois muitos se desencantaram com as igrejas neopentecostais por acreditarem que são “máquinas de roubar dinheiro dos pobres”.

O uso da internet para expansão do movimento “anussita”

A importância dessa ferramenta não se dá apenas na busca por novos adeptos, mas também na possibilidade de encontrar grupos de antigos evangélicos, agora semi-organizados em sinagogas no interior de São Paulo e em outras localidades do país e convencê-los a participar da Fisba – Federação Israelita Sefaradi Bnei Anussim (criada pelos nativos em 1998, segundo seus relatos). Essa ação é fundamental para a manutenção e crescimento do grupo, tanto em termos materiais, com a arrecadação de dinheiro, quanto em força simbólica na disputa com as entidades judaicas pela aceitação do grupo.

Da mesma forma que contestam o monopólio do poder simbólico de definir quem é judeu e também da manipulação de bens de salvação judaicos, os nativos passam a usar a internet para constituir uma Federação, burocratizada e rigidamente hierarquizada. Isso está diretamente ligado à busca pelo monopólio legítimo de representação dos que se identificam como descendentes de judeus (e até mesmo identificar quem é ou não um *bnei anussim*), assim como do direito de estabelecer o conteúdo litúrgico comum aos participantes leigos e orientá-los no processo de conversão judaica.

Segue um breve trecho de e-mail recebido por mim no dia 11 de maio de 2009, enviado pelo ex-pastor Marcos Moreira, hoje autointitulado rabino Mordechai Moré, presidente da instituição:

É preciso mais empenho e união por parte de outros grupos de *bnei anussim* espalhados pelo país, não é hora de procurarmos honrarias mais sim de cumprir com o propósito da causa, que é o retorno a casa de Israel. Parar de falar mal ou emitir opinião contrária, não ouvir *lashon* (em hebraico, comentário maldoso) deste ou daquele grupo, isso só enfraquece a causa deixando os que são contrários, apontando o mal testemunho de desunião. Não desqualificar sem investigação correta se (a pessoa) é ou não um *anussim*, não divulgar rezas secretas *anussim* que facilitam a identificação de costumes e tradições do *anussim*. Promover a união a todo custo das comunidades de origem ibérica no Brasil e no exterior. Todos os membros que tiverem contato (com um *anussim* que não pertença à instituição) favor relatar a diretoria da Fisba, por e-mail, onde será passado (o endereço) das lideranças em todo Brasil.

Analisar a inserção do grupo na rede ajuda a identificar estratégias simbólicas utilizadas para conquistar membros, além de auxiliar na observação do *habitus* do ex-pastor, líder da instituição. O conceito de *habitus* supera a oposição consciente/inconsciente e estrutura/indivíduo, já que se trata de um conhecimento sem consciência, incorporado ao longo de toda a trajetória do agente. Dessa forma, é possível identificar a presença protestante em seu discurso e em suas ações, o que, muitas vezes, faz com que a cosmologia judaica ganhe novo significado, tornando-se adequada às demandas dos participantes leigos, consumidores dos bens de salvação. “Para compreendermos a religião, não basta estudarmos as formas simbólicas de tipo religioso, nem sequer a estrutura imanente da mensagem religiosa ou do *corpus* mitológico, trata-se de observar, portanto, os produtores da mensagem

religiosa, os interesses específicos que os animam, as estratégias que empregam em suas lutas” (Bourdieu, 2001, p. 157).

Se considerarmos o espaço da rede como uma extensão ou como uma parte do espaço público, ou seja, como o *mundo vivido* habermasiano, somente a presença e participação nesse espaço do agir comunicativo poderão tornar pública a existência desse grupo e assim publicizar sua luta pelo reconhecimento. Para Habermas, é um conceito “que comporta conotações que em última instância remontam a experiência central da força sem coação da fala argumentativa, que permite realizar o entendimento e suscitar o consenso. É na fala argumentativa que os diversos participantes superam a subjetividade inicial de suas respectivas concepções e, graças á comunidade de convicções racionalmente motivadas, asseguram-se, ao mesmo tempo, da unidade do mundo objetivo e da intersubjetividade do contexto de suas vidas” (HABERMAS, 1987) ^{†††}.

Sendo assim, esse espaço virtual, principalmente o site de relacionamentos Orkut, foi fundamental para que a comunidade judaica tomasse conhecimento da existência da Fisba, o que gerou intenso debate. Alguns judeus prontamente o repudiaram, acusando-o de charlatanismo e de ser um “crente que quer se tornar judeu”. Outros afirmaram que a comunidade de São Mateus, por praticar o judaísmo e seguir suas leis, deveria ser respeitada e auxiliada por rabinos competentes. Mas houve casos de judeus, leigos e rabinos, que conheceram o grupo pela Internet e decidiram ajudá-lo.

Dessa forma, o espaço virtual não pode ser encarado apenas como mais uma estratégia simbólica desse movimento religioso para conquistar adeptos e formar alianças com outros grupos no país, mas também como um espaço onde o encontro com o Outro possibilita o reconhecimento de sua identidade e, por meio do *agir comunicativo*, chegar, se não a um consenso, pelo menos ao estabelecimento de vínculos com a comunidade judaica, sejam negativos ou positivos (do ponto de vista nativo), e conseguir a inserção no jogo judaico.

^{†††} Extraído de ARAUJO, L.B. *Religião e Modernidade em Habermas*. São Paulo: Loyola, 1996.

Uma das conclusões, a partir dos resultados obtidos, é que a instituição de São Mateus necessita de adeptos para sua manutenção e eventual crescimento. Isso torna importante, do ponto de vista da sobrevivência econômica da instituição, a busca e o auxílio aos “judeus em potencial”. Entretanto, esse ganho em capital econômico implica na perda de capital simbólico junto à comunidade judaica, que passa a encarar a Fisba como uma “instituição charlatã que quer enganar os outros e tomar dinheiro”. Esse será o grande jogo a ser disputado pela Fisba que, no espaço virtual, em seu blog, afirma que nem toda pessoa com sobrenome cristão-novo e de origem nordestina descende de judeus. Mas, ao mesmo tempo, a instituição busca cada vez mais aumentar o número de seguidores, travando uma batalha simbólica intensa com as igrejas neopentecostais existentes no bairro de São Mateus. Esse sentido do jogo é o que permite gerar uma infinidade de lances adaptados à infinidade de situações possíveis, que nenhuma regra, por mais complexa que seja, pode prever (Bourdieu, 2004).

Interessante destacar que também ocorrem ações preconceituosas contra a instituição fora da comunidade judaica tradicional. Exemplos como o apedrejamento da sinagoga são indicativos de que alguns moradores do bairro assumiram que não gostam de “descendentes do povo que matou Cristo”. Se por um lado o grupo é mal-visto por parte da comunidade evangélica, por outro lado, o fato de ser vítima de uma agressão física e/ou simbólica pelo fato de ser judeu torna-se um forte argumento para conquistar legitimidade e pertencimento identitário junto à comunidade judaica.

Referências Bibliográficas:

ARAÚJO, L.B.L. *Religião e modernidade em Habermas*. São Paulo: Loyola, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1980.

_____. *Razões práticas*. Campinas: Papirus, 1996.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CORDEIRO, Hélio Daniel. *Os Marranos e a Diáspora Sefardita*. São Paulo: Editora Capital Sefad, 1997.

HABERMAS, J. *Entre Naturalismo e Religião*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

_____ *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

NOVINSKY, Anita. *A Inquisição*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WEBER, Max. 1979. *Ensaio de sociologia*. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, s/d.

_____. *Economia e Sociedade*. São Paulo: Editora da Universidade de Brasília, 2004, vol 2.